

VAGANAU

**EDITOR:** *Marcos Marcionilo*

**CAPA E PROJETO GRÁFICO:** *Andréia Custódio*

**FOTOS:** © *Marcos Bagno*

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

---

B134v

Bagno, Marcos, 1961-  
Vaganau/ Marcos Bagno. - São Paulo : Parábola Editorial, 2010.  
156p.:il.;

Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-88456-92-1

1. Poesia brasileira. I Título

10-00718

CDD 869.91  
CDU 821.134.3(81)-1

---

Direitos reservados à  
PARÁBOLA EDITORIAL  
Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga  
04281-070 São Paulo, SP  
pabx: [11] 5061-9262 | 5061-1522 | fax: [11] 5061-8075  
home page: [www.parabolaeditorial.com.br](http://www.parabolaeditorial.com.br)  
e-mail: [parabola@parabolaeditorial.com.br](mailto:parabola@parabolaeditorial.com.br)

---

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

---

ISBN: 978-85-88456-92-1

© do texto: Marcos Bagno, 2010

© da edição brasileira: Parábola Editorial, São Paulo, março de 2010

Marcos Bagno

# VAGANAU



## QUEM

A poesia é para poucos  
é para os que acreditam na bem-aventurança  
[das abelhas  
para os que meditam na razão de haver girassóis  
os que odeiam a insanidade militar das horas  
que procuram o eco submerso no  
[oco das rochas

A poesia é para uns poucos  
é para os que creem em Deus sabendo que não há  
para os que cultivam pálidos a imitação da rosa  
os que devoram o pasto inédito da  
[natureza mítica das coisas  
que no meio do caminho se acovardam e  
[choram

A poesia é para muito poucos  
é para os que renunciaram de vez à santidade  
para os que se assustam diante da romã entreaberta  
os que se afligem com o voo lívido das névoas  
que contam os silêncios mínimos que  
[antecedem uma cor

(que aspiram o perfume ausente de uma flora por inventar  
que miram com asco e reverência os pés anônimos  
[das angústias brandas

que acreditam na existência imediata e táctil das violetas  
[subaquáticas  
que fogem apavorados do verde insolúvel que escorre  
[das lembranças do ar  
que não receiam incorrer nas imprecisões do parapétalo)

A poesia enfim é para

ninguém.

quase

**parapétalo**

[De par(a)- + -pétalo].

Adj. Bot. P. us.

1. Diz-se das partes de uma corola quando são mais ou menos semelhantes às pétalas, porém situadas mais interiormente, como no heléboro. [É palavra de significação imprecisa].

# VAGANAU

*“À n’importe ce qui valut  
Le blanc souci de notre toile!”*

MALLARMÉ

10

Poesia, nau, divaga,  
devagar e sem timão,  
pela vida, mar sem alga,  
pelo mar, que é vida em vão.  
Leva horizontal adaga  
cravada no coração,  
aço que lhe aviva a chaga  
de não ser nem deus, nem chão.  
Poesia que naufraga  
às frias costas do não,  
recife que tudo draga,  
praia do se, do senão:  
soledade  
    solitude  
        solidão

Poesia que extravaga  
limites do mar real.  
Sem astrolábio nem braga,  
sem provar do mundo o sal.  
(O saber-se — dor que a esmaga —  
ancorada ao mais geral  
é certeza que lhe indaga

se levar a vida val.)  
O presente mal lhe paga,  
quer existir outro grau;  
para além de quanta ostaga  
é que se refez em nau:  
vagabunda  
    vagamunda  
        vaganau